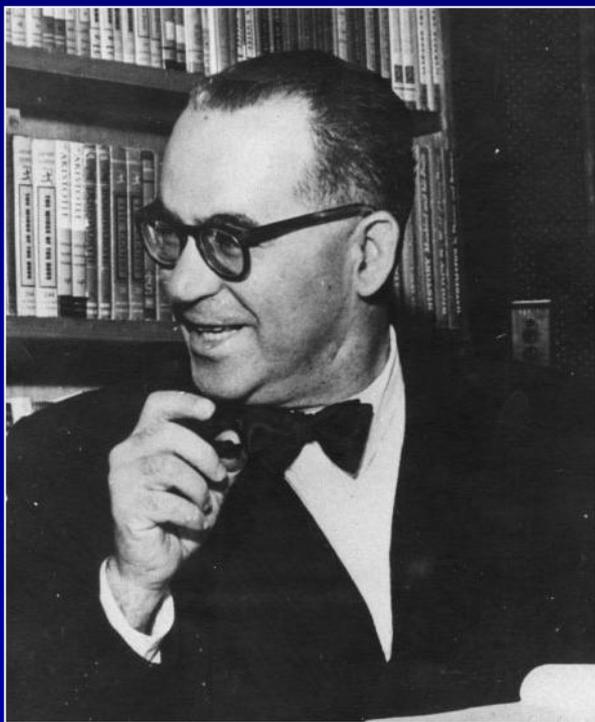


# SAGARANA

## PARTE II



João Guimarães Rosa

<i>contos</i>	<i>foco</i>	<i>motivo</i>
“O burrinho pedrês”	3 <sup>a</sup> p	animais
“A volta do marido...”	3 <sup>a</sup> p	malandragem
“Sarapalha”	3 <sup>a</sup> p	devastação
“Duelo”	3 <sup>a</sup> p	confronto
“Minha gente”	1 <sup>a</sup> p	costumes
“São Marcos”	1 <sup>a</sup> p	misticismo
“Corpo fechado”	1 <sup>a</sup> p	misticismo
“Conversa de bois”	3 <sup>a</sup> p	animais
“A hora e vez...”	3 <sup>a</sup> p	confronto

# *O Burrinho Pedrês*

✓ **Epígrafe:**

“E, ao meu macho rosado,  
carregado de algodão  
preguntei: p’ra donde ia?  
P’ra rodar no mutirão.”

✓ **Foco:** 3ª pessoa – narrador onisciente:

- ✓ dando voz própria e encantamento às narrativas e acentuando sua dimensão mítica e poética.

## ✓ A NARRATIVA:

- Burrinho pedrês;
- Major Saulo – Fazendeiro;
- 12 camaradas.

“Era um burrinho pedrês, miúdo e resignado, vindo de Passa-Tempo, Conceição do Serro, ou não sei onde do sertão.

Chamava-se Sete-de-Ouros, e já fora tão bom, como outro não existiu e nem pode haver igual. (...)

Mas nada disso vale fala, porque a estória de um burrinho, como a história de um homem grande, é bem dada no resumo de um só dia de sua vida. E a existência de Sete-de-Ouros cresceu toda em algumas horas – seis da manhã à meia-noite – nos meados do mês de janeiro de um ano de grandes chuvas, no vale do Rio das Velhas, no centro de Minas Gerais (...)”

✓ **IMPORTANTE:** história do burrinho é intermitente: sempre interrompida por descrições da boiada e por episódios vividos pelos vaqueiros

➤ **Exemplos:**

- rivalidade entre Badu e Silvino;
- luta de Badu com o boi zebu.

✓ essas ‘estórias’ estão no presente da narrativa. Porém, há ‘estórias’ do passado, *narradas* pelos vaqueiros

➤ Exemplos:

- Tote conta o ‘causo’ do companheiro morto a chifradas;
- João Manico narra o do *negrinho* que chorava de saudade;
- Raimundão, o melhor contador, narra quatro ‘estórias’ diferentes.

# Alguns detalhes...

- idas e voltas no tempo e no espaço:
  - ✓ Ruptura da cronologia;
- narrativa entremeada de outras narrativas:
  - ✓ Em um ritmo lento e realçadas por um belo fundo musical.
- contos dentro do conto (metalinguagem);

- cada caso narrado tem vida independente:

coesão = burrinho

- essa estrutura revela a “personalidade” do burrinho;

- Animal:

- Herói – com seu suposto não-saber, questiona o saber dos homens;
- Caráter meditativo: ‘burrinho’ é humanizado, mas não antropomorfizado.

- Nome: Sete-de-Ouros:
  - ✓ SETE = totalidade do universo em movimento.  
Resume também a totalidade moral: às três virtudes teologais – fé, esperança e caridade – são acrescentadas as quatro virtudes cardeais – prudência, temperança, justiça e força;
  - ✓ OURO é indicador de superação e de transcendência.
- Ironia: burrinho põe a nu a onipotência presunçosa do homem, que julga controlar o próprio destino, ignorando as surpresas que este lhe reserva;

*Traços biográficos de Lalino Salãthiel*  
*ou*  
*A volta do marido pródigo*

## ✓ Epígrafes:

“Negra danada, siô, é Maria:  
ela dá no coice, ela dá na guia,  
lavando roupa na ventania.  
Negro danado, siô, é Heitô:  
de calça branca, de paletó,  
foi no inferno, mas não entrou!”  
(Cântiga de batuque, a grande velocidade)

“- Ó seu Bicho-Cabaça!? Viu uma  
velhinha passar por aí?...  
- Não vi velha, nem velhinha,  
corre, corre, cabacinha...  
Não vi velha nem velhinha!  
Corre! corre! cabacinha...”  
(De uma estória)

✓ **Foco:** 3ª pessoa – narrador onisciente, não participa da história

✓ “A menos ‘pensada’ das novelas do *Sagarana* (...)”

## ✓ PERSONAGENS:

### Parte I – apresentação da personagem:

- ❖ Lalino Salãthiel: chamado, Laio. Mulato esperto, alegre, simpático, malandro e contador de histórias.
- ❖ Seu Marra: encarregado da obra, na qual Laio ‘trabalha’.
- ❖ Maria Rita: mulher de Lalino

➤ **Parte II - Desejo de ir embora:** “E Lalino buscava as figuras e fotografias de mulheres. É, devia de ser assim... Feito esta. Janelas com venezianas... Ruas e mais ruas, com elas... Quem foi que falou em gringas, em polacas?... (...) uma gorda... uma de pintinhas na cara... uma ainda quase menina... Chinelinhos de salto, verdes, azuis, vermelhos... quem falou... E aquela gente da turma, acreditando em tudo, e gostando! Mas, deve de ser assim. Igual ao na revista, claro...”

“... Bem boazinha que ela é... E bonita... (...) Mas, são muitas... Mais de cem?... Mil?!... E é só escolher: louras, de olhos verdes... É Maria Rita gosta dele, mas... Gosta, como toda mulher gosta, aí está. Gostasse especial, mesmo, não chorava com saudades da mãe... Não ralhava zangada por conta d’ele se rapaziar com os companheiros, não achava ruim seu jeito de viver... Gostasse, brigavam?”

E na revista de cinema havia uma deusa loira, com lindos pés desnudos, e uma outra, morena, com muita pose e roupa pouca; e Maria Rita perdeu.”

❖ Ramiro: espanhol que ficou com Maria Rita

➤ **Parte III** - “Um mês depois, Maria Rita ainda vivia chorando, em casa.

Três meses passados, Maria Rita estava morando com o espanhol. (...)

E assim se passou mais de meio ano. O trecho da rodovia ficou pronto. O pessoal de fora tomou rumo (...). Mas os espanhóis ficaram. Compraram um sítio, de sociedade. E fizeram relações e se fizeram muito conceituados, porque, ali, ter pedaço de terra era uma garantia e um título de naturalização.”

➤ **Parte IV – Na capital:**

“As aventuras de Lalino Salãthiel na capital do país foram bonitas, mas só podem ser pensadas e não contadas, porque no meio houve demasia de imoralidade.(...)”

O dinheiro se fora. Rareavam os biscates. Veio uma espécie de princípio de tristeza. E ele ficou entibiado e pegou a saudade.(...)”

➤ **Parte V – O retorno:**

“– Com’passou, seu Ramiro? Bem?

– Bem, graças... O senhor a que vem?... Não disse que não voltava nunca mais?... Que pretende fazer aqui?

– Tive de vir, e aproveitei para lhe trazer o seu dinheiro, para lhe pagar...

(Ainda bem! – o espanhol respira. – Então, ele não veio para desnegociar.)

– Mas, não é nada... Não é necessário. Nada tem que me pagar... Em vista de certos acontecimentos, como o senhor deve saber... eu... Bem, se veio só por isso, não me deve mais nada, caramba!

(Agora é Lalino – que não tem tostão no bolso – quem se soluciona:)

– Bem, se o senhor dá a conta por liquidada, eu lhe pego da palavra, porque ‘sal da seca é que engorda o gado!...’ O dinheiro estava aqui na algibeira, mas, já que está tudo quites, acabou-se. Não sou homem soberbo!... Mas olha aqui, espanhol: eu não tenho combinado nenhum com você, ouviu?! Tenho compromisso com ninguém! (...).”

- **Encontro com seu Oscar (= filho do Major Anacleto)**

“- (...) Mas, e ela?

- Vou chamar no pio.

- E o espanhol?

- Vai desencostar e cair.

- Mas, de que jeito, seu Laio?

- Sei não.

- E você fica aí, de papo p'ra riba?

- Esperando sem pensar em nada, p'ra ver se alguma ideia vem... (...)”

➤ **Parte VI** – Apresentação do ‘*chefe político do distrito, Major Anacleto*’, que ‘*era homem de princípios austeros, intolerante e difícil de se deixar engambelar.*’

➤ **Parte VII** – **Artimanhas de um malandro:**

Lalino ganha a confiança do Major Anacleto (contra “seu” Benigno).

“(…) E assim o povo do arraial ficou sabendo que ele era o cabo eleitoral de *seu* Major Anacleto, e que tinha de receber respeito.

E tudo o mais, com a graça de Deus, foi correndo bem.”

## ➤ Parte VIII – O jogo político:

Alertado pelo camarada, o chefe político sai a fazer sua peregrinação eleitoral. Ao passar pelos espanhóis, “(...) *Seu Ramiro* baixou à estrada, convidando-os para uma chegada. Mas isso era contra os princípios do Major. Então, *seu Ramiro*, ali mesmo, fez suas queixas: que o senhor Eulálio, apadrinhado pelo Estevão, viera por lá, a cavalo, somente para provocar... Não o saudara, a ele, Ramiro, e dera um ‘viva o Brasil!’ mesmo diante da sua porta. E, como a Ritinha estivesse na beira do córrego, lavando roupa, o granuja, o sem-vergonha, tivera o atrevimento de jogar-lhe um beijo...”

Ao reencontrar Lalino, o Major repreende-o, mas o malandro explica-se, convence o chefe político (pois resolvera algumas pendências) e ainda aproveita para, sutilmente, lançar seu veneno:

“– Está vendo, seu Major, que eu andei muito ocupado com os negócios do senhor, e não ia lá ter tempo p’ra gastar com espanhol nenhum? Gente que p’ra mim até não tem valor, seu Major, pois eles nem não votam! Estrangeiros... Estrangeiro não tem direito de votar em eleição...”

## ➤ Parte IX – A reconciliação:

“(…) Desde que o Laio voltou, que ele (*o espanhol*) anda com ciúme, só falando... Eu não gosto dele, seu Major, gosto é do Laio!... Bom ou ruim, não tem juízo nenhum, mas eu tenho amor a ele, seu Major... Agora o espanhol deu para judiar comigo, só por conta do ciúme... (...) Quis me bater, o cachorro! Disse que me mata, mata o Laio, e depois vai se suicidar, já que está mesmo treslouco... Então eu fugi, para vir pedir proteção ao senhor, seu Major. Pela Virgem Santíssima, não me largue na mão dele, seu Majorzinho nosso! (...)”

“(...) Ah, e explicava: tinha recebido o convite, para passar pela fazenda, e não pudera recusar. O senhor Eulálio – e aqui o Doutor se entusiasmava – abordara o automóvel, na passagem do rio. O que fora muito gentil da parte do Major, haver mandado o seu emissário esperá-los tão adiante. E, falando nisso, que magnífico, o Senhor Eulálio! Divertira-os! O Major sabia escolher os seus homens... Sim, em tudo o Major estava de parabéns... E, quando fosse a Belorizonte, levasse o Eulálio, que deveria acabar de contar umas histórias, muito pândegas, da sua estada no Rio de Janeiro, e cantar uns lundus...

Major Anacleto chama Lalino, e as mulheres trazem Maria Rita, para as pazes. O chefão agora é quem se ri, porque a mulherzinha chora de alegria e Lalino perdeu o jeito. Mas, alumiado por inspiração repentina, o Major vem para a varanda, convocando os bate-paus:

– Estêvam! Clodino! Zuza! Raymundo! Olhem: amanhã cedo vocês vão aos espanhóis, e mandem aqueles tomarem rumo! É para sumirem, já, daqui!... Pago a eles o valor do sítio. Mando levar o cobre. Mas é para irem p’ra longe! (...)”

# Alguns detalhes...

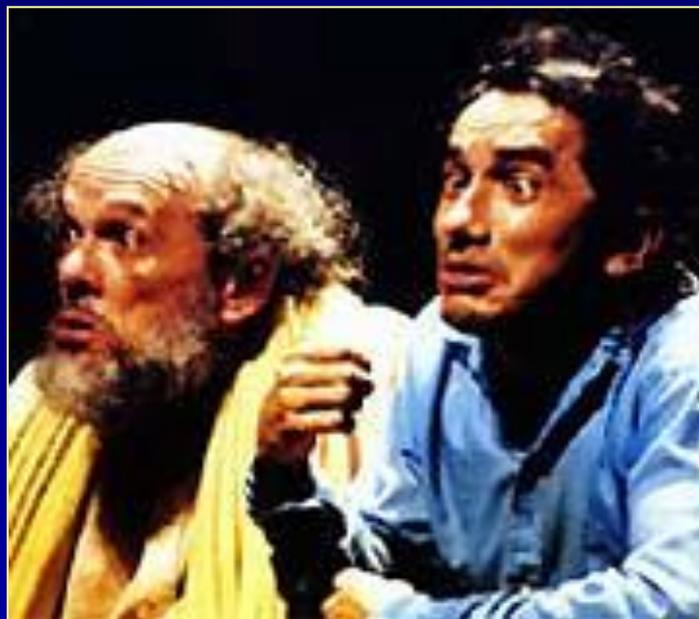
- **Lalino Salãthiel:**

- ✓ Lalino = ‘ladino’ (cheio de manhas e astúcias);
- ✓ Salãthiel: ambivalência
  - I. parece remeter a Satã;
  - II. sem acento, Salathiel – personagem bíblico.

***Nome remete a Deus e ao diabo***

- Não há julgamento moral de Lalino:
  - ✓ Também as personagens ditas ‘respeitáveis’ são descritas como “não tão respeitáveis assim”.
- Conto quer retratar a figura do maladro, do típico brasileiro que, para tudo, dá um ‘jeitinho’.
- Indiretamente, universo infantil

# *Sarapalha*



Nanego Lira (Primo Ribeiro) e Everaldo Pontes (Primo Argemiro).  
em cena da peça "Vau de Sarapalha"

## ✓ Epígrafe:

“Canta, canta, canarinho, ai, ai, ai...  
Não cantes fora de hora, ai, ai, ai...  
A barra do dia aí vem, ai, ai, ai...  
Coitado de quem namora!...”

(O trecho mais alegre, da cantiga mais  
alegre, de um capiau beira-rio)

## ✓ Foco: 3ª pessoa – narrador onisciente:

✓ “é ali, na beira do Pará” = Pará de Vilelas, único povoado do município de Itaguara, que margeia o citado rio.

## ✓ PERSONAGENS:

- ❖ Primo Ribeiro: tem febre e frio todos os dias, o baço sempre inchado, mas vai vivendo;
- ❖ Primo Argemiro: como Primo Ribeiro, vai sobrevivendo à malária. Apesar de ter terras em outra região, prefere ficar ao lado do primo, tal a amizade que os une;

## a. O entorno:

“Tapera de arraial. Ali, na beira do rio Pará, deixaram largado um povoado inteiro: casas, sobradinho, capela; três vendinhas, o chalé e o cemitério; e a rua, sozinha e comprida, que agora nem mais é uma estrada, de tanto que o mato a entupiu (...)

É aqui, perto do vau da Sarapalha: tem uma fazenda, denegrada e desmantelada; uma cerca de pedra-seca, do tempo de escravos; um rego murcho, um moinho parado; um cedro alto, na frente da casa; e, lá dentro, uma negra, já velha, que capina e cozinha o feijão. Tudo é mato, crescendo sem regra (...)”

## b. O enredo:

“E tem também dois homens sentados, juntinhos (...) quentando-se ao sol. (...)

Manhãzinha fria. Quando os dois velhos – que não são tão velhos – falam, sai-lhes da boca uma baforada branca (...). Mas eles ainda não tremem: frio mesmo frio vai ser d'aqui a pouco. (...)

E quando Primo Ribeiro bate com as mãos nos bolsos, é porque vai tomar uma pitada de pó. E quando Primo Argemiro estende a mão, é pedindo o cornimboque. E quando qualquer dos dois apóia a mão no cocho, é porque está sentindo falta-de-ar.”

## c. Os entraves:

**1. A doença:** “E a maleita é a 'danada'; 'coitadinho' é o perdigueiro; 'eles', a gente do povoado, que não mais existe no povoado; e 'os outros' são os raros viajantes que passam lá em-baixo, porque não quiseram ou não puderam dar volta para pegar a ponte nova, e atalham pelo vau. (...)”

❖ Prima Luísa - Mulher de Ribeiro. Morena, olhos pretos, cabelos pretos... muito bonita; de riso alegrinho, mas de olhar duro.

## 2. O amor:

"– Foi seis meses em-antes-de ela ir s'embora...

De branco a mais branco, olhando espantado para o outro, Primo Argemiro se perturbou. Agora está vermelho, muito.

Desde que ela se foi, não falaram mais no seu nome. Nem uma vez. Era como se não tivesse existido. E, agora...

– É isso, Primo Argemiro... Não adianta sojigar a ideia... Esta noite sonhei com ela, bonita como no dia do casamento... E, de madrugada, inda bem as garrixas ainda não tinham pegado a cochichar na beirada das telhas, tive notícia de que eu ia morrer... Agora mesmo, 'garrei a 'maginar: não é que a gente pelejou p'ra esquecer e não teve nenhum jeito?... Então resolvi achar melhor deixar a cabeça solta... E a cabeça solta pensa nela, Primo Argemiro...

– Tanto tempo, Primo Ribeiro!...

### 3. A confissão:

“ – Primo Ribeiro... Eu nunca tive coragem p´ra lhe contar uma coisa... Vou lhe contar uma coisa... O senhor me perdoa?!

– Chega aqui mais p´ra perto e fala mais alto, Primo, que essa zoeira nos ouvidos quase que não deixa a gente escutar...

– Não foi culpa minha... Foi um castigo de Deus, por causa de meus pecados... O senhor me perdoa, não perdoa?!...

– Que foi isso, Primo? Fala de uma vez!

– Eu...eu também gostei dela, Primo... Nós somos parentes... Espera, Primo! Não foi minha culpa, foi má-sorte minha...”

# Alguns detalhes...

- **Temas:** amor e solidão
- **Tempos verbais:**
  - ✓ presente: momento da doença
    - atmosfera de dor e isolamento, de claustrofobia, em que se encontram as personagens
  - ✓ passado: saudade e impotência

- **Dois mundos em ruínas:**

- ✓ população vitimada pela maleita;

- ✓ primo Ribeiro arruinado pela mulher infiel:

- “a maleita era uma mulher de muita lindeza”

- **ATENÇÃO:**

- ✓ Não há só um mundo em ruínas, mas a infidelidade feminina com o conceito de honra do sertanejo.

- “Sarapalha” é trágico, portanto contrasta com “A volta do marido pródigo”.

- A ‘palavra’ desune os primos e os condena à solidão:
  - separação: decisão de falar
  
- ✓ Narrador assume a perspectiva de personagem, como se estivesse também doente, cúmplice da angústia do lugar e da situação.

## Interdisciplinaridade...

- O ‘bichinho’ é um protozoário (*Plasmodium sp*);
- Malária é transmitida pela picada das fêmeas contaminadas do mosquito-prego (anófeles);
- As fêmeas são hematófagas (alimentam-se de sangue para conseguirem produzir os ovos, que são depositados em águas paradas);
- Procuram sangue principalmente durante a noite;
- Essa parasitose não é transmitida pela ingestão de água nem de alimentos;
- Medidas preventivas: tratar infectados, evitar a picada dos mosquitos e drenar águas paradas (essas são criadouros de mosquitos).

# *Conversa de bois*

✓ **Epígrafe:**

“– Lá vai! Lá vai! Lá vai!...

– Queremos ver... Queremos ver...

– Lá vai o boi Cala-a-Boca

fazendo a terra tremer!...”

(Coro do boi-bumbá)

✓ **Foco:** 3<sup>a</sup> pessoa (narrador = Manuel Timborna)

## ✓ PERSONAGENS:

- ❖ Tiãzinho: candieiro
- ❖ Agenor Soronho: carreiro
- ❖ 04 juntas de bois

## quatro juntas de bois:

- ✓ *Guia*: Buscapé e Namorado;
- ✓ *Pé-da-guia*: Capitão e Brabagato;
- ✓ *Pé-do-coice/Contra-coice (Balança)*: Dançador e Brilhante;
- ✓ *Coice*: Realejo e Canindé.

“Chora-não-chora, Tiãozinho retoma seu posto. ‘O pai não é meu, não... O pai é seu mesmo...’ Decerto. Ele bem que sabe, não precisa de dizer. É o seu pai quem está ali, morto, jogado para cima das rapaduras... Deixou de sofrer... Cego e entrevado, já de anos, no jirau... Tiãozinho nem se lembrava dele de outro jeito, nem enxergando nem andando... Às vezes ele chorava, de-noite, quando pensava que ninguém não estava escutando. Mas Tiãozinho, que dormia ali no chão, no mesmo cômodo da cafua, ouvia, e ficava querendo pegar no sono, depressa, para não escutar mais... Muitas vezes chegava a tapar os ouvidos, com as mãos. Malfeito! Devia de ter, nessas horas, puxado conversa com o pai, para consolar... Mas aquilo era penoso... Fazia medo, tristeza e vergonha, uma vergonha que ele não sabia bem por quê, mas que dava vontade na gente de querer pensar em outras coisas... E impunha, até, ter raiva da mãe... (...)”

“Ah, da mãe não gostava!... Era nova e bonita, mas antes não fosse... Mãe da gente devia de ser velha, rezando e sendo séria, de outro jeito... Que não tivesse mexida com outro homem nenhum... Como é que ele ia poder gostar direito da mãe?... Ela deixava até que o Agenor carreiro mandasse nele, xingasse, tomasse conta, batesse... Mandava que ele obedecesse ao Soronho, porque o homem era quem estava sustentando a família mesmo, porque ele também tinha ojeriza daquele capeta!... Ruço!... Entrão!... Malvado!... O demônio devia de ser assim, sem tirar nem pôr... Vivia dentro da cafua... Só não embocava era no quartinho escuro, onde o pai ficava gemendo; mas não gemia enquanto o Soronho estava lá, sempre perto da mãe, cochichando os dois, fazendo dengos... Que ódio!...”

“– Que estão falando, todos? Estão loucos?!... Eu sou o boi Dançador... Boi Dançador... Mas, não há nenhum boi Dançador!... Não há o-que-tem-cabeça-grande-e-murundunas-costas... Sou mais forte do que todos... Não há bois, não há homem... Somos fortes... Sou muito forte... Posso bater para todos os lados... Bato no seu Agenor Soronho!... Bato no seu Soronho, de cabresto, de vara de marmelo, de pau... Até tirar sangue... E ainda fico mais forte... Sou Tião... Tiãozinho!... Matei seu Agenor Soronho... Torno a matar!... Está morto esse carreiro do diabo!... Morto matado... Picado... Não pode entrar mais na nossa cafua. Não deixo!... Sou Tiãozinho... Se ele quiser embocar, mato outra vez... Mil vezes!... Se a minha mãe quiser chorar por causa dele, eu também não deixo... Ralho com a minha mãe... Ela só pode

chorar é pela morte do meu pai... Tem de cuspir no seu Soronho morto... Tem de ajoelhar e rezar o terço comigo, por alma do meu pai... Quem manda agora na nossa cafua sou eu... Eu, Tiãozinho!... Sou grande, sou dono de muitas terras, com muitos carros de bois, com muitas juntas... Ninguém pode mais nem falar no nome do seu Soronho... Não deixo!... Sou o mais forte de todos... Ninguém pode mandar em mim!... Tiãozão... Tiãozão!... ... Oung... Hmong... Mûh!...

Tranco... tranco... Bate o carro, em traquetreio e solavanco. Mas, no caminho escabroso, com brocotós e buracos por todos os lados, Tiãozinho não cai nem escorrega, porque não está de-todo adormecido nem de-todo vigilante. Dormir é com o Seu Soronho, escanchado beato, logo atrás do pigarro.

De lá do coice, voz nasal, cavernosa, rosna Realejo. E todos falam.

- Se o carro desse um abalo maior...
- Se nós todos corrêssemos, ao mesmo tempo...
- O homem-do-pau-comprido rolaria para o chão.
- Ele está na beirada...
- Está cai-não-cai, na beiradinha...
- Se o bezerro, lá na frente, de repente gritasse, nós teríamos de correr, sem pensar, de supetão...
- E o homem cairia...
- Daqui a pouco... Daqui a pouco...
- Cairia... Cairia...
- Agora! Agora!
- Mûung! Mûng!
- ... rolaria para o chão.

– Namorado, vamos!!!... – Tiãozinho deu um grito e um salto para o lado, e a vara assobiou no ar... E os oito bois das quatro juntas se jogaram para diante, de uma vez... E o carro pulou forte, e craquejou, estrambelhado, com um guincho do cocão.

– Virgem, minha Nossa Senhora!... Ôa, ôa, boi!... Ôa, meu Deus do céu!...

Agenor Soronho tinha o sono sereno, a roda esquerda lhe colhera mesmo o pescoço, e a algazarra não deixou que se ouvisse xingo ou praga – assim não se pôde saber ao certo se o carreiro despertou ou não, antes de desencarnar.”

- **Bois NÃO agem, pensam e falam como os homens – mas, sim, como eles o fariam se realmente pudessem:**

‘Filosofia’ bovina

- **A ‘estória’ do boi Rodapião (contada por Brilhante):**

“Então, boi Rodapião ainda ficou mais engraçado de-todo. Falava: – A gente deve de pensar tudo certo, antes de fazer qualquer coisa. É preciso andar e olhar, p’ra conhecer o pasto bem. Eu conheço todos os lugares (...) Olho p’ra tudo, e sei, toda hora, o que é melhor... (...) Vocês não fazem como eu, só porque são bois bobos, que vivem no escuro e nunca sabem por que é que estão fazendo coisa e coisa. (...) Até que chegou um dia... (...) nós reparamos que estava trecho demais sem chover. (...) Então, os homens vieram, e chamaram todos os bois p’ra fora do pasto rapado, e foram levando a gente p’ra longe. (...) Aí a gente pegou a comer, quase sem levantar as

cabeças... Mas, o boi Rodapião... (...) – O bebedouro fica longe, – disse o boi Rodapião. – Cansa muito ir até lá, p’ra beber... Vou pensar um jeito qualquer mais fácil... Pensando, eu acho... (...) .... Mas o boi Rodapião foi espiando tudo, sério, e falando: – Em todo lugar onde tem árvores juntas, mato comprido, tem água. Lá, lá em-riba, quase no topo do morro, estou vendo árvores, um comprido de mato (...). Vou pastar é lá, onde tem aguada perto do capim, na grotta fresca!... (...) E boi Rodapião foi trepando degrau no barranco: deu uma andada e ficou grande; caminhou mais, ficou maior. Depois, foi subindo, e começou a ficar pequeno, já indo por lá, bem longe de mim... (...) Escutei o barulho dele: boi Rodapião vinha lá de cima, rolando poeira feia e chão solto... Bateu aqui em baixo e berrou triste, porque não pôde se levantar mais do lugar das suas costas... (...)’

- **Mito de Ícaro?!**

- ✓ Ícaro = intelecto que se tornou insensato, imaginação pervertida;
- ✓ Símbolo do excesso e da temeridade, a dupla perversão do juízo e da coragem – a mania de grandeza, a megalomania;
- ✓ Para cristianismo, Ícaro é a imagem da alma que pretende elevar-se para os céus nas asas de um falso amor – quando só as asas do amor divino podem facilitar sua ascensão.

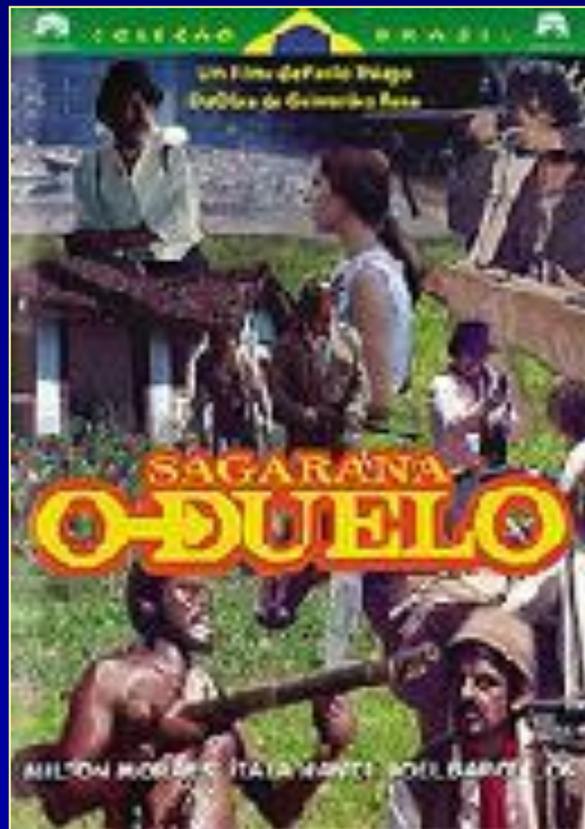
- **Bois são personagens ativos e formam com o menino Tiãozinho uma só personagem – metade humano, metade animal:**

- ✓ a parte homem não possui o dom da palavra;
- ✓ a palavra surge na consciência dos bois.

- **Único conto com ‘moral’:**

- ✓ luta do bem contra o mal;
- ✓ os que se associam, conseguem forças contra o opressor.

# *Duelo*



## ✓ Epígrafe:

“E grita a piranha cor de palha, irritadíssima:

- Tenho dentes de navalha, e com um pulo de ida-e-volta  
resolvo a questão!...
- Exagero... – diz a arraia – eu durmo na areia, de ferrão a prumo e  
e sempre há um descuidoso que vem espetar.
- Pois, amigas, – murmura o gimnoto, mole, carregando a bateria  
– nem quero pensar no assunto:se eu soltar três pensamentos  
elétricos, bate-poço em volta, até vocês duas boiarão mortas...  
(Conversa a dois metros de profundidade)

**Foco:** 3<sup>a</sup> pessoa – narrador onisciente:

sabe o que passa pela cabeça das personagens

## ✓ PERSONAGENS:

- ❖ Turíbio Todo: seleiro de profissão, papudo, vagabundo, vingativo e mau;
- ❖ Dona Silivana: esposa de Turíbio Todo; tinha grandes olhos bonitos, de cabra tonta
- ❖ Cassiano Gomes: ex-militar, exímio atirador, andava sempre com uma arma ao alcance da mão.

## a) No arraial de Vista-Alegre: o motivo

“Turíbio Todo, nascido à beira do Borrachudo, era seleiro de profissão, tinha pelos compridos nas narinas, e chorava sem fazer caretas; palavra por palavra: papudo, vagabundo, vingativo e mau. Mas, no começo desta estória, ele estava com a razão (...).

Assim, pois: de qualquer maneira, nesta história, pelo menos no começo – e o começo é tudo – Turíbio Todo estava com a razão.

Tinha sido para ele um dia de nhaca: saíra cedo para pescar, e faltara-lhe à beira do cômrego, o fumo-de-rolô, tendo, em coice e queda, de sofrer com os mosquitos; dera uma topada num toco, danificando os artelhos do pé direito; perdera o anzol grande, engastalhado na coivara; e, voltando para casa, vinha desconsolado, trazendo apenas dois timburés no cambão. Claro que tudo isso sobrevindo assim em série, estava a exigir desgraça maior, que não faltou (...).”

## b) A perseguição

"Cassiano cedo conheceu a intenção do seleiro, que Dona Silivana lhe transmitiu, por quanta boca prestativa faz, na roça, as vezes das rádio-comunicações.

Numa várzea bonita, entre Maquiné e Riacho Fundo, ponto fora de rota de povinho a cavalo, um vaqueiro que campeava bois tresmalhados foi mesmo o primeiro que anunciou:

–... e o Turíbio quer é que o senhor morra do coração, seu Cassiano. Não vale a pena dar esse gosto a ele, não!

Cassiano Gomes fez carranca, e pensou; mas respondeu:

– Mamparra! Se ele quisesse isso, não era bobo de sair contando... Ele está mas é com esperança que eu estanque, só por medo de doença...”

❖ Vinte-e-um: Antônio, vulgo Timpim – caipira  
pequenino...

### c) No Mosquito...

“Mas, no caminho, foi piorando, e teve de fazer alto no Mosquito – povoado perdido num cafundó de entremorro, longe de toda a parte –, onde três dúzias de casebres enchiam a grotá amável, que cheirava a grão-de-galo, murici e gabirola, com vaca lambendo as paredes das casas, com casuarinas para fazerem música com o vento, e grandes jatobás diante das portas, dando sombra. Um lugar, em suma, onde a gente não tinha vontade de parar, só de medo de ter de ficar para sempre vivendo ali.

Pois foi lá que Cassiano Gomes teve o seu desarranjo, com a insuficiência mitral em franca descompensação. (...)”

## d) O desfecho

“– Eu estou bem alegre!... Vou ver minha mulher, que há muito tempo eu não vejo... Acho que amanhã de-tardinha eu estou chegando lá, no sítio da mãe dela. Se ela quiser ir comigo, nós voltamos para o São Paulo... Quero descansar um pouco e gozar a vida... – disse Turíbio Todo, com um suspiro de satisfação.

– Qual, seu Turíbio Todo... Com perdão da palavra, mas este mundo é um monte de estrume! Não vale a pena a gente ficar alegre... Não vale a pena, não.

– Ora, deixe de curtir mal sem paga... Que é isso!?!...

– A gente vive sofrendo... Todo o mundo é só padecer... Não vale a pena!... E depois a gente tem de morrer mesmo um dia...

– Sabe? Você precisa é de tratar da saúde, para não ficar com essas ideias... – Turíbio aconselhou.

Calou-se o outro. Muito abatido, lúgubre, dava o ar de quem estivesse carregando o peso do mundo (...)

– Não tem jeito, não tem jeito, seu Turíbio... Abaixo de Deus, foi ele quem salvou a vida do meu menino... E eu prometi, quando ele já estava de vela na mão... É uma tristeza! Mas jeito não tem... Tem remédio nenhum...”

# Alguns detalhes...

- **Narrativa linear:** não há *flashbacks*
- **Linguagem não é difícil ou rebuscada:**
  - ✓ recriações, invenções e resgates
- **Título: “duelo” não acontece literalmente:**
  - ✓ Turíbio Todo e Cassiano Gomes NUNCA se encontram;
  - ✓ luta do forte contra o fraco.

- **Ambiente rural caracterizado e delimitado para que se perceba o espaço físico em que o conto se desenvolve:**

- ✓ fauna, flora, lugarejos e vilarejos: verossimilhança.

- **Alegoria da fatalidade:**

- ✓ enquanto os homens se perdem na busca de seus objetivos, de um fim, algo superior dispõe o contrário, o imprevisto.

*A hora e vez de  
Augusto Matraga*

✓ **Epígrafe:**

“Eu sou pobre, pobre, pobre,  
vou-me embora, vou-me embora

.....

Eu sou rica, rica, rica,  
vou-me embora, daqui!...

(Cantiga antiga)

“Sapo não pula por boniteza,  
mas porém por percisão.”

(Provérbio capiau)

✓ **Foco:** 3<sup>a</sup> pessoa – narrador onisciente

## ✓ PERSONAGENS:

- ❖ Augusto Estêves: homem mau, mulherengo e violento. Seu comportamento desregrado levou-o a perder a fortuna, a mulher e a filha.
- ❖ Dona Dionóra: mulher de Nhô Augusto; acaba não aguentando os maus-tratos do marido e seu descaso e foge com *seu* Ovídio;
- ❖ Mitinha: filha de Nhô Augusto;
- ❖ Quim Recadeiro: empregado encarregado – como o próprio nome indica – de levar recados

## ✓ No Murici

“(...) Nhô Augusto. Duro, doido e sem detença, como um bicho grande do mato. E em casa, sempre fechado em si. Nem com a menina se importava (...) ele tinha outros prazeres, outras mulheres, o jogo do truque e as caçadas (...) Fora assim desde menino, uma meninice à louca e à larga, de filho único de pai pancrácio (...) Agora, com a morte do Coronel Afonso, tudo piorara, ainda mais. Nem pensar. Mais estúrdio, estouvado e sem regra, estava ficando Nhô Augusto (...)”

Dionóra amara-o três anos, dois anos dera-os às dúvidas, e o suportara os demais. Agora, porém, tinha aparecido outro. Não, só de pôr aquilo na ideia, já sentia medo... Por si e pela filha... Um medo imenso.

Se fosse (...) Nhô Augusto era capaz de matá-la. Para isso, sim, ele prestava muito. Matava, mesmo, como dera conta do homem da foice, pago por vingança de algum ofendido. Mas, quem sabe se não era melhor se entregar à sina (...). Fechar os olhos. (...)”

“– Fez na regra, e feito! Chama os meus homens!

Dali a pouco, porém, tornava o Quim, com nova desolação: os bate-paus não vinham... Não queriam ficar mais com Nhô Augusto... O Major Consilva tinha ajustado, um e mais um, os quatro, para seus capangas, pagando bem. Não vinham, mesmo. O mais merecido, o cabeça, até mandara dizer, faltando ao respeito: – Fala com Nhô Augusto que sol de cima é dinheiro!... P’ra ele pagar o que está nos devendo... E é mandar por portador calado, que nós não podemos escutar prosa de outro, que seu Major disse que não quer. (...)

Nele, mal-e-mal, por debaixo da raiva, uma ideia resolveu por si: que antes de ir à Mombuca, para matar o Ovídio e a Dionóra, precisava de cair com o Major Consilva e os capangas. Se não, se deixasse rasto por acertar, perdia a força. E foi. (...)”

❖ Quitéria e Serapião: casal de pretos velhos

## ✓ No Tombador

“Mas o preto que morava na boca do brejo, quando calculou que os outros já teriam ido embora, saiu do seu esconso, entre as taboas, e subiu aos degraus de mato do pé do barranco. Chegou-se. Encontrou vida funda no corpo tão maltratado do homem branco; chamou a preta, mulher do preto que morava na boca do brejo, e juntos carragaram Nhô Augusto para o casebre dos dois, que era um cofo de barro seco, sob um tufo de capim podre, mal erguido e mal avistado, no meio das árvores, como um ninho de maranhões. (...)

– Deus, que me perdoe, – resmungou a preta, – mas este homem deve de ser ruim feito cascavel barreada em buraco, porque está variando que faz e acontece, e é só braveza de matar e sangrar... E ele chama por Deus, na hora da dor forte, e Deus não atende, nem para um fôlego, assim num desamparo como eu nunca vi! (...)

“(…) a tristeza tomou conta de Nhô Augusto. Uma tristeza mansa, com muita saudade da mulher e da filha, e com um dó imenso de si mesmo. Tudo perdido! O resto, ainda podia... Mas, ter a sua família, direito, outra vez, nunca. Nem a filha... Para sempre... E era como se tivesse caído num fundo abismo, em outro mundo distante.

E ele teve uma vontade virgem, uma precisão de contar a sua desgraça, de repassar as misérias da sua vida. Mas mordeu a fala e não desabafou. Também não rezou. (...)

– Se eu pudesse ao menos ter absolvição dos meus pecados!...

Então eles trouxeram, uma noite, muito à escondida, o padre, que o confessou e conversou com ele, muito tempo, dando-lhe conselhos que o faziam chorar.

– Mas, será que Deus vai ter pena de mim, com tanta ruindade que fiz, e tendo nas costas tanto pecado mortal?!

– Tem, meu filho. Deus mede a espora pela rédea, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum... (...)

“– Eu acho boa essa ideia de se mudar para longe, meu filho. Você não deve pensar mais na mulher, nem em vinganças. Entregue para Deus, e faça penitência. Sua vida foi entortada no verde, mas não fique triste, de modo nenhum, porque a tristeza é aboio de chamar o demônio, e o Reino do Céu, que é o que vale, ninguém tira de sua algibeira, desde que você esteja com a graça de Deus, que ele não regateia a nenhum coração contrito!

– Fé eu tenho, fé eu peço, Padre...

– Você nunca trabalhou, não é?! Pois, agora, por diante, cada dia de Deus você deve trabalhar por três, e ajudar os outros, sempre que puder. Modere esse mau gênio: faça de conta que ele é um poldro bravo, e que você é mais mandante do que ele... Peça a Deus assim, com esta jaculatória: ‘Jesus, manso e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso...’  
(...)

– Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua. (...)

– Eu vou p’ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!... E a minha vez há de chegar... P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!...(...)

E assim se deu que, lá no povoado do Tombador (...) apareceu, um dia, um homem esquisito, que ninguém não podia entender.”

- ❖ Augusto: transforma-se em um homem bom, abnegado e religioso
  
- ❖ Tião da Thereza: conhecido de Augusto, encontra-o no Tombador e coloca-o a par dos acontecimentos posteriores à sua suposta morte:
  - Dionóra continuava amigada com Ovídio;
  - Mitinha ‘tinha caído na vida’.

- ❖ **Joãozinho Bem-Bem**: famoso chefe de jagunços, temido e destemido no sertão; faz justiça com as próprias mãos, defendendo seu aliados e eliminando seus inimigos; reconhece em Augusto uma força oculta que os aproxima.

## ✓ No arraial do Rala-Coco

“– Lhe atender não posso, e com o senhor não quero nada, velho. É a regra... Senão, até quem é mais que havia de querer obedecer a um homem que não vinga gente sua, morta de traição?... É a regra. (...) Um dos dois rapazinhos seus filhos tem de morrer, de tiro ou à faca, e o senhor pode é escolher qual deles é que deve de pagar pelo crime do irmão. E as moças... Para mim não quero nenhuma, que mulher não me enfraquece: as mocinhas são para os meus homens... (...)

– Não faz isso, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem (...). E o que vocês estão querendo fazer em casa dele é coisa que nem Deus não manda e nem o diabo não faz! (...)

– Pois pedido nenhum desse atrevimento eu até hoje nunca que ouvi nem atendi!... (...)

– Pois então... – e Nhô Augusto riu, como quem vai contar uma grande anedota – ... Pois então, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem, é fácil... Mas tem que passar primeiro por riba de eu defunto...

Joãozinho Bem-Bem se sentia preso a Nhô Augusto por uma simpatia poderosa, e ele nesse ponto era bem-assistido, sabendo prever a viragem dos climas e conhecendo por instinto as grandes coisas. Mas Teófilo Sussuarana era bronco excessivamente bronco, e caminhou para cima de Nhô Augusto. Na sua voz:

– Epa! Nomopadrosfilhospritos santamêin! Avança, cambada de filhos-da-mãe, que chegou minha vez!...

E a casa matraqueou que nem panela de assar pipocas, escurecida à fumaça dos tiros, com os cabras saltando e miando de maracajás, e Nhô Augusto gritando qual um demônio preso e pulando como dez demônios soltos.

– Ô gostosura de fim-de-mundo!...

(...) seu Joãozinho Bem-Bem mais o Homem do Jumento tinham rodado cá para fora da casa, só em sangue e em molambos de roupas pendentes. E eles negaceavam e pulavam, numa dança ligeira, de sorriso na boca e faca na mão.

- Se entregue, mano velho, que eu não quero lhe matar.
- Joga a faca fora, dá viva a Deus, e corre, seu Joãozinho Bem-Bem... (...)
- Úi, estou morto...

A lâmina de Nhô Augusto talhara de baixo para cima, do púbis à boca-do-estômago, e um mundo de cobras sangrentas saltou para o ar livre, enquanto seu Joãozinho Bem-Bem caía ajoelhado, recolhendo os seus recheios nas mãos. (...)

- Espera aí, minha gente, ajudem o meu parente ali, que vai morrer primeiro... Depois, então, eu posso me deitar.
- Estou no quase, mano velho... Morro, mas morro na faca do homem mais maneiro de junta e de mais coragem que eu já conheci!... Eu sempre lhe disse quem era bom mesmo, mano velho... É só assim que gente como eu tem licença de morrer... Quero acabar sendo amigos...
- Feito, meu parente, seu Joãozinho Bem-Bem. Mas, agora, se arrepende dos pecados, e morre logo como um cristão, que é para a gente poder ir juntos... (...)

– P’ra dentro de casa, não, minha gente. Quero me acabar no solto, olhando o céu, e no claro... Quero é que um de vocês chame um padre... Pede para ele vir me abençoando pelo caminho, que senão é capaz de não me achar mais...(…)

Então, Augusto Matraga fechou um pouco os olhos, com sorriso intenso nos lábios lambuzados de sangue, e de seu rosto subia um sério contentamento.

Daí, mais, olhou, procurando João Lomba, e disse, agora sussurrado, sumido:

– Põe a benção na minha filha... seja lá onde for que ela esteja... E, Dionóra... Fala com a Dionóra que está tudo em ordem!

Depois, morreu.”

# Alguns detalhes...

- **Narrativa:** penetra nos pensamentos da personagem como se fosse sua consciência;
- **Linguagem:**
  - ✓ Fusão do erudito e do poético;
- **Natureza:**
  - ✓ Na medida em que Matraga vai ‘mudando’ de fase, passa a contemplar a natureza que, por sua vez, torna-se um ‘espelho’ das transformações que estão em curso.

- **Insistência no número três:**

- ✓ três partes;
- ✓ três lugares (Murici, Tombador e Rala-Coco);
- ✓ três jagunços morrem no duelo;
- ✓ etc.

- **Simbologia do número três:**

- ✓ ‘Três’ representa a união dos opostos, o número equilibrante

- Protagonista chamado por três nomes:

- ✓ Matraga;

- ✓ Augusto Estêves;

- ✓ Nhô Augusto

“Matraga não é Matraga, não é nada.  
Matraga é Estêves. Augusto Estêves (...).  
Ou Nhô Augusto – o homem (...)”

- primeiro é o nome *mítico*;
- segundo, o *social*;
- terceiro, o *individual*.

- primeiro: nome de santo;
- segundo: de coronelão fazendeiro, rico e prepotente;
- terceiro: do indivíduo em sua busca, sua demanda.

- trilogia mítica dos ritos de iniciação -

morte, renascimento e vida – na forma cristã:

*pecado, penitência e redenção:*

- ✓ a uma vida de pecado se sucede uma morte aparente;
- ✓ ressurreição para uma nova vida
- ✓ passagem da vida terrena para a eterna

(morte do corpo e salvação da alma)

- Matraga na cena final:

- ✓ alegria dos mártires, da alma que reconhece que está prestes a integrar-se a Deus – pelo sacrifício do corpo;
- ✓ se o sacrifício não é voluntário e alegre, não terá validade;
- ✓ prêmio maior: alcançar a coroa dos santos mediante o martírio;
- ✓ alegria potenciada pela realização do martírio *segundo sua índole*:

“P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!”

- Matraga?!

- ✓ matraca: instrumento de fazer barulho

“E a casa matraqueou que nem panela de assar pipocas”

✓ *trágos* (bode) grego: lembrando tanto os rituais de sacrifício do *pharmakós* (bode expiatório), quanto sua presença na palavra tragédia

**Obs:** trágico, gr. *trágos* (bode) e gr. *oidé* (ode, canção) - no ritual dedicado a Dionísio, o canto se fazia acompanhar do sacrifício de um bode.

“A hora e vez de Augusto Matraga” fecha a temática iniciada em “O burrinho pedrês”:  
**um único momento pode valer uma existência inteira**



# SAGARANA

João Guimarães Rosa